

Golpe, ou
Revolução?

23. III Raul Pilla 58

DISSE eu não haver nem sinceridade, nem coerência, na apreciação que, da situação nacional, fez o coronel Alberto Bittencourt em sua recente entrevista radiofônica. A incoerência é manifesta; quanto à insinceridade, requer o conceito não tanto uma retificação, quanto um esclarecimento. Tachando de insinceras as afirmações, não quis eu negar ao autor verdadeiros sentimentos patrióticos e apenas pretendi dizer que, não podendo ir ao fundo da questão, enredara-se êle nas contradições da sua própria posição. Assim, sendo um dos maiores responsáveis pela atual situação governativa, da qual ainda é membro, procurou contraditariamente exculpá-la, lançando sobre os partidos a responsabilidade do desastre.

Assim aclarado o sentido da minha increpação, posso prosseguir. Não discordo da possibilidade, senão iminência do que o ilustrado oficial chama eufemisticamente terceira "data". Principalmente, se fôr exato o que êle afirma: não haver divisão, atualmente, nas Forças Armadas. Quase todos sentem haver por tal forma degenerado a nossa vida pública, que já não cabe uma solução normal. O País não mais tem possibilidade de reagir e restabelecer-se, como deveria suceder numa democracia. Esta, se ainda conserva certas estruturas, em verdade não funciona, não funciona como um todo coerente e orgânico. Tenho dito, e repito-o sem a menor hesitação, que o Brasil está em decomposição. Talvez seja por isto, que tanto se fala em nacionalismo.

Parece, pois, inevitável o que em medicina se denomina uma operação cirúrgica. Neste ponto, não há como discordar. Virá dela a salvação? Pode ser; mas pode ser também que ela venha apressar a ruína. Nenhuma operação se justifica por si mesma, senão pelo objetivo, pela técnica e pela oportunidade.

Ora, a nossa cirurgia política é muito grosseira e rudimentar: tem-se mostrado incapaz de uma verdadeira revolução e não vai nunca além do "golpe", que é a sua negação. Simples golpe e, por isto mesmo, muito preocupado com as aparências legais, tivemos em outubro de 1945; simples golpe, e não uma revolução regeneradora, como se fazia mister, tivemos em 24 de agosto de 1954; puros golpes militares sem enfeites nem artifícios, tivemos a 11 e 21 de novembro de 1955.

Será com isto que nos acena o ilustre militar, ao falar na possibilidade da terceira "data"? Simples substituição de homens no poder ou, o que muito pior seria, refôrço dos que atualmente o ocupam, pela dissolução do Congresso Nacional e dos partidos que nêle se representam? Para mais um golpe, não valeria a pena ter-se produzido a anunciada unificação das Classes Armadas...

O de que, mais que tudo, necessita êste País, é de que lhe falem claro.